ANC XP 26

19 SET 1988

Assembléia Congressual – 'O Bebê de Rosemary'

CYRO PENNA CESAR DIAS

O Brasil é um país estranho. Já lá se vai quase um ano que nos ameaçam com a renovação, com o "novo", amplo geral e irrestrito. Mas, por enquanto, estamos somente grávidos de ímpetos constitucionais novos. O parto parece distante e as imagens que nos são oferecidas do feto aterrorizariam até a avózinha mais "coruja". É uma verdade pouco consoladora, mas é real que a família procurou precaver-se votou e escolheu um obstetra — entre os vários postulantes ao cargo — com características de prudência, moderação e com um passado de honras rebeldes que representavam uma boa garantia.

A tarefa do Relator da Comissão de Sistematização deveria ser exatamente esta: acompanhar a gestação, ministrar as vitaminas necessárias, examinar e exibir imagens da evolução e por fim garantir que tudo corra bem na hora do parto. Os resultados alcançados, com a atuação deste estranho obstetra são por demais preocupantes: cedeu as exigências de parte da família, engordou a parturiente em demasia, adotou drogas perigosas para enganá-la quanto às dores e o que é pior: jurou para uns que seria menino e quando pressionado pela mãe da moça concordou que nasceria uma linda menininha... Na hora em que todos puderam ver as feições que o feto teria, o que era simples pressentimento, passou a terror.

Era disforme, desencontrado mais parecendo uma destas pichações de muro em que cada "artista" escreve o que quer e como quer. Como lhe fora prometido que era menino, o "pai da criança" esmurrou a mesa. Combinamos isto na véspera, o "senhor doutor" nos assegurou. Aqueles que se ofenderem com a expressão pai da criança (*porque supõem outras origens para os nossos ímpetos renovadores*), recomendamos o editorial de O Globo de 05/09: "As Raízes da Aliança", santo remédio para os que são costumeiramente acometidos de amnésia político-institucional. O "pai" cobrou a promessa e o que ficou no ar não foi só a troca de médico, foi o risco de aborto mesmo.

E, na hora da verdade, como sempre acontece, saiu-se em busca de culpados. Como estes nunca estão disponíveis, o que sobrou foi um pedido de adiamento. É interessante observar como os suspeitos mudam rapidamente de endereço. Uma notícia e uma entrevista ajudam bastante a compreender o rumo dos ventos. Primeiro a novidade: o sr. deputado pelo PMDB baiano Francisco Pinto está triste e desiludido: só não renuncia ao mandato para não ter que dar maiores explicações. Mas não apresenta projeto, não participa de reuniões, não está presente a nenhum debate parlamentar. Desiludiu-se, é só. Para quem foi preso e perdeu mandato por ofender autoridade estrangeira com o adjetivo de ditador e sustentou processos infindáveis, com o sarcástico e inteligente Delfim, em plena vigência de sua era, o fato é surpreendente. Não se candidatará à reeleição. Como as desilusões políticas não são como as amorosas, a quem atribuí-las? Ao seu partido que não cumpriu promessas ou o astuto deputado percebeu o rumo das coisas? Esta desistência é por demais rumorosa para não ser notada.

Quanto a entrevista prometida esta é bem mais rica, em relação as "mudanças de endereço" a que nos referimos acima. O ex-super assessor do ex-ministro Funaro, o sr. João Manoel Cardoso de Mello, resolveu brindar uma edição de domingo da Folha de São Paulo com sutís observações da realidade econômica brasileira "pós-dilúvio" de que foi um dos principais mentores. Algumas de suas observações não podem ser perdidas na memória do tempo. "A elite conservadora repete uma retórica neoliberal e a elite progressista repete idéias velhas" é a abertura magestática do texto, que de imediato conduz o leitor a perceber que as únicas idéias aproveitáveis são as de lavra própria. Messianismo é doença crônica.

Porém, o que realmente interessa é a "mudança de endereço" do mestre da Unicamp. E, portanto, vamos a ela. Primeiro o sr. João Manoel descobriu agora que a crise tem muita relação com os "padrões tecnológicos de produção e com os padrões de organização de mercado". Pensava desta forma o iminente professor quando obrigou o fechamento do País a qualquer renovação técnica e quando destruiu o mercado? Domingo passado o sr. João Manoel também descobriu que estamos "atolados nesse problema de curto prazo", que nos obriga a "perder perspectivas". Seria um rompante bíblico excessivo perguntarmos quem "pariu Mateus", quem fez o atoleiro que nos obriga a pensar exclusivamente na comida do almoço? Mas, a mutação mais criativa ainda é esta: "O Estado tem que abandonar tarefas que ele faz que são socialmente injustificáveis... O Estado é um monstro...um pasto onde todos comem...deve ser totalmente reformulado agora". Seria o caso de repetirmos a sabedoria popular: quem te viu, quem te vê?

Sem dúvida o mais emocionante de toda a entrevista, foi a defesa da livre iniciativa por este pai o Cruzado. Acredite quem quiser: "A livre iniciativa aqui seria uma coisa revolucionária". Quem patrocinou teoricamente os "fiscais" de Sarney poderia ostentar tal lepidez ideológica, tão instantânea? Quanto ao tom circense da fala do ex-assessor (em verdade uma subestimação da inteligência do leitor), este fica por conta da constatação do porquê a economia brasileira está deteriorada; a culpa, encontra-se em nossos portos: "Quando se teve que importar alimentos, tinha que vir de barcaça, os grandes navios, só em Santos e Paranaguá; quando fomos desembarcar milho em Recife, o navio ficava ao largo e desembarcava na barcaça e aí molhava o milho". Este deve ser o motivo que se perdeu tantas milhares de toneladas de milho, de carne, de arroz... tudo molhado pelo mar bravio. Se é desculpa, é acintoso, se é afirmação, é cinismo. Insistimos; o que interessa notar é a rapidez mais do que o conteúdo da mudança de opinião.

Deveria atentar para estar mutações dos homens o dr. relator da Comissão de Sistematização. A velocidade com que eles ocorrem deveria fazer o sr. relator pensar melhor um sua bravata — bem latina — de: "Não mudo nem uma vírgula". Cuidado, com a eterna relação que a condição humana sempre estabeleceu entre a brocha e a escada. A melancolia do sr. Chico Pinto, reveste-se até de alguma dignidade; a retirada estratégica do sr. João Manoel é hilariante. O deputado baiano e o professor de Campinas estão só desembarcando a tempo. Querem sair de perto da parturiente antes que o "bebê de Rosemary" — que expressão feliz — conheça a luz. Ambos sabem perfeitamente que serão responsabilizados no "day-after".

Para a sociedade estes desembarques parecem o que realmente são. A Assembléia Congressual segue seu curso, imaginando que brandir soberania é suficiente para *exorcizar qualquer perigo. Quem costuma* se preocupar com tais assuntos, deve atentar que murros na mesa e desembarques fazem uma relação de causa e efeito limitado. A sociedade está se movendo perigosamente: em 78 escolheu como herói reivindicatório um operário do ABC, registrado, sindicalizado que falava na relação emprego/salário. Agora, "Gordo", e"Meio Quilo" e outros da mesma origem estão a ocupar o posto de herói anti establishment. É, repetimos, perigosamente diferente. As súbitas mudanças de opinião, a falência de todas as promessas eleitorais peemedebistas, abriram um vácuo fácil de ser sentido na sociedade. Este vácuo será preenchido pelo "velho", pelo "antigo", que a sociedade já conhece. E a pedido dela, atente-se, simplesmente porque o ser humano é um animal que precisa sentir-se seguro. Pensem nisto os que mudam rápido, pensando escapar; os que ousam porque são só irresponsáveis e os ambiciosos desmedidos que imaginam sórdidas manobras para as suas isoladas vitórias pessoais.

Algumas reações aparecem para enfrentar o perigoso vácuo. O ministro Brossard, não temendo a excomunhão ideológica que a Igreja progressista anti-Roma costuma aplicar, convidou D. Luciano, um homem sensato, a não perder a sensatez. Além de todos os riscos que a ação do CIMI contém, exibindo uma falaciosa "proteção" ao indígena, que ele não pediu e da qual desconhece os reais propósitos, este tipo de ação, o conhecimento dela pelos meios de comunicação, acentua a já grande distância da maioria dos pastores brasileiros da imensa massa de suas ovelhas. O que bons católicos querem da Santa Amada é uma Igreja Ética e não Política; quando buscam o templo, não é à procura de um sermão político, mas sim de um refrigério às suas aflições. Na Igreja de hoje a exegese dos Evangelhos é a simples exegese dos textos sociais. O desaparecimento do papel institucional da Igreja só reforça o risco da vitória daquele tipo de anti-herói.

Outras parcelas sociais, contudo, começam a perceber os riscos deste vácuo. O empresariado, que algumas vezes chegou a oferecer apoio velado, algo disfarçado, mas apoio, a certas teses de formulação apressadamente ditas progressistas, começa a rever seus princípios, sua atuação. A sustentação, filha do desespero, que ofereceu nos primeiros momentos da gestaõ Bresser começa a ser devidamente revista. Não é pelo vexame das "negociações" internacionais, que de certa forma já era esperado. A revisão começou pela descoberta, do empresário, que a corda que amarra o Sr. Bresser ao Ministério não está atada ao bom senso, ao seu passado acadêmico ou empresarial, mas sim àquela "minoria barulhenta" que de fato domina o PMDB. A atuação do Ministro Bresser começa a provar que ele é Ministro deste PMDB e não da "maioria silenciosa", que permanece devidamente amordaçada. Os desvarios da política econômica são o instrumento para a retirada do oxigênio social, que produz o temido vácuo. Até agora uma parcela pequena do empresariado despertou para o perigo. Reconhecemos, porém que é o único ramo da assim chamada sociedade civil que o fez. O restante parece continuar dormindo em berço explêndido.

Quanto à Constituinte, bem... esta imagina continuar navegando em mar de rosas, sem espinhos, prometendo o "moderno absoluto" a gregos e troianos. A Constituinte Congressual, flertando com o muito novo e portanto com o muito desconhecido, pode acabar coroando o muito velho. Em Política, principalmente em Política Brasileira, prudência e caldo de galinha é muito melhor que licor de pêra, que ainda por cima é importado. Quem exorcizará o diabo, o "bebê de Rosemary"?

O autor é advogado especializado em Direito de Informática, em São Paulo